

Neste número 13 da *Revista M.* contamos com o dossiê Morte e Etnografia, organizado por **Bárbara Betsabé Martínez** e **María Gabriela Irrazábal**, respectivamente, antropóloga, pesquisadora assistente do CONICET no Instituto de Ciências Antropológicas da Universidade de Buenos Aires; e socióloga pesquisadora adjunta do CONICET (Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas) no Programa Sociedade, Cultura e Religião do Centro de Estudos e Pesquisas Laborais.

A seção DOSSIÊ é aberta pela entrevista com Jacques Galinier, *Marcos do devir antropológico e da trajetória etnográfica: o menino que imaginava mundos subterrâneos*. O reconhecido antropólogo francês aborda as formas de concepção e de desenvolvimento de uma etnografia. Na conversa com a antropóloga **Bárbara Betsabé Martínez**, Galinier aborda os caminhos institucionais que o conduziram ao México em 1969, suas primeiras incursões de campo na zona otomi oriental, a forma de desenvolvimento do trabalho de campo e as ferramentas teóricas utilizadas, que se transformaram ao longo do tempo. No final da entrevista constam algumas publicações de Galinier, que podem auxiliar os leitores num primeiro percurso por sua obra.

- \* Doutora em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professora Adjunta do Centro de Ciências Humanas e Sociais e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. CV: <http://lattes.cnpq.br/3178816058544660>
- \*\* Doutora em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora Associada do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IESC/UFRJ) e do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do IESC/UFRJ. CV: <http://lattes.cnpq.br/3860753416382806>



A seguir, o artigo *Sentidos y acciones en torno a las muertes familiares en La Causa por los "crímenes del franquismo" a partir del trabajo etnográfico*, das antropólogas *María Agustina Zeitlin e Laura María Amparo Puga*. Esse texto versa sobre as narrativas da memória associadas à interpretação de mortes decorrentes de crimes do franquismo, tanto em Buenos Aires quanto em Tenerife. As autoras indicam como as narrativas em torno da memória destes mortos impactam o processo de construção de identidades, sobretudo dos que foram responsabilizados pelos fuzilamentos, desaparecimentos, torturas e roubos de bebês, em processos judiciais que propiciaram a constituição da categoria "crime de genocídio".

O terceiro artigo do dossiê é de autoria de **Celeste Castiglione**, doutora em ciências sociais e docente da Universidade de Buenos Aires. *Revisitando los cementerios: tres formas de relacionarse con las ritualidades de la muerte de los migrantes en la Argentina en el siglo XIX* apresenta diferentes ritos fúnebres performados por migrantes argentinos no século XIX. Nesse texto, a autora recupera sua trajetória de pesquisa, em articulação com o processo metodológico adotado para um levantamento em torno dos primeiros cemitérios em Buenos Aires. Está disponível para o leitor uma relação das instituições que surgiram nos primórdios dos agrupamentos urbanos e que possibilitaram a ocupação migratória da cidade.

**Pieter Dennis Luna e Marita Pilar Mellado**, antropólogos peruanos, assinam o artigo *Los rituales funerarios en San Miguel de Vichoycocha, Huarai – Lima*, no qual dedicam-se a analisar os rituais mortuários e sua associação com as narrativas da memória na comunidade campesina de San Miguel de Vichaycocha, em Lima, no Peru. Em uma etnografia cuidadosa, os autores recuperam aspectos históricos, culturais e geográficos da vivência milenar destes povos, articulando uma herança cultural que remonta ao passado pré-hispânico, até a época colonial, com as características da localidade em que vivem, na região central e mais alta da serra peruana. Este artigo destaca a relação entre o sincretismo religioso e o desenvolvimento dos rituais. Por exemplo, há uma descrição do cerimonial do "enfardelamiento", realizado no passado pré-hispânico, que consistia na colocação de várias faixas de tecido, seguida pela mumificação dos cadáveres, num ritual com duração de vários dias, com farta oferta de comida e bebida aos participantes. Ao longo do tempo este rito foi transformado e adaptado, em especial a partir da chegada do catolicismo espanhol, com as crenças no Céu e Inferno, como destino final da alma dos mortos.

O quinto e último artigo do dossiê, de **Bárbara Betsabé Martínez e María Gabriel Irrazábal**, é intitulado *La etnografía y la ética en los estudios sobre la muerte y el morir*. O foco incide sobre tema de extrema relevância, seja por sua pertinência ao campo de investigações concernente à morte, seja no que tange ao método por excelência da Antropologia – a Etnografia. Ferramenta utilizada em investigações em diversas disciplinas, em especial em estudos oriundos da área da saúde, frequentemente a Etnografia possibilita a emergência de questionamentos e debates em torno de aspectos éticos na e da pesquisa. Para as autoras, é de suma importância o desenvolvimento de reflexões sobre a posição e o papel do pesquisador no campo, além da abordagem da construção dos dados nas interações – necessariamente regidas pela ética – com os interlocutores.

A seção ARTIGOS LIVRES é iniciada por *Um monopólio fúnebre na cidade de São Paulo (1855-1890)*, de autoria de **Estefânia Knotz Canguçu Fraga**, professora de História da PUC-SP, e de **Thais Cristina Pereira**, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da PUC-SP, além de professora de Ensino Fundamental da Prefeitura da cidade de SP. O artigo aborda o processo de secularização em torno do serviço funerário – especificamente, no transporte funerário – em São Paulo, entre 1855 e o final do século XIX. Com base em levantamento de dados sobre os contratos para concessão de monopólio, o texto aponta como o crescimento da cidade, o aumento populacional e o temor das epidemias, além da carência de locais para enterro de não católicos consistiram nas principais razões para a construção de cemitérios extramuros na cidade de São Paulo. A partir de 1858, com a inauguração do Cemitério da Consolação, houve um interesse crescente em torno da condução de cadáveres – em outros termos, de transporte funerário. As autoras demonstram o monopólio dos serviços da Santa Casa nessa área, de modo a representar uma receita importante para a instituição e, ao mesmo tempo, um atendimento eficaz para a população.

*Revisão integrativa acerca do luto do idoso*, de autoria de **Álvaro da Silva Santos**, **Danielle Provazi Cunha Oliveira** e **Patrícia Jácome Henriques**, vinculados aos cursos de Enfermagem e de Psicologia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, apresenta a identificação de uma produção dirigida à elaboração do luto em idosos, com base em levantamento em bases de dados. A busca ocorreu entre 2009 e 2018, quando foram localizados mais de 23 mil artigos, dos quais foram selecionados 207 e, após leitura cuidadosa, restaram 29 artigos. O texto aponta a classificação destes artigos em quatro categorias analíticas de luto do idoso e aponta para a significativa carência de investigações em torno das perdas simbólicas do idoso, uma vez que a ênfase incide sobre as perdas físicas.

O artigo *O ensino da morte e do morrer por docentes de enfermagem no Brasil: um estudo bibliométrico*, de **Glenda Agra**, Professora de Enfermagem na Universidade Federal de Campina Grande; **Maria Luiza Azevedo dos Reis** e **Olavo Mauricio de Souza Neto**, discentes de Enfermagem na mesma Universidade; **Arthur Alexandrino**, mestrando em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e **Débora Thaise Freires de Brito**, Mestre em Saúde Coletiva pela Universidade Federal da Paraíba, dedica-se a analisar a produção científica dirigida ao ensino da morte e do morrer por docentes de enfermagem no Brasil. Trata-se de estudo bibliométrico, com busca no Portal de Periódicos da CAPES, nas seguintes bases de dados: LILACS, MEDLINE, BDNF E SciELO, com delimitação temporal de quinze anos, com o objetivo de ampliar o âmbito da pesquisa e minimizar a possibilidade de vieses. Segundo os autores, a revisão possibilitou a discussão de nove estudos brasileiros sobre o processo ensino-aprendizagem acerca da morte e do morrer por docentes de enfermagem brasileiros. O artigo é concluído pela afirmativa da importância de desenvolvimento de investigações em torno da educação para a morte na formação de acadêmicos, além de educação continuada e permanente entre enfermeiros sobre a temática. Tal proposta é justificada pela maior proximidade entre a categoria profissional e os pacientes e seus familiares. De fato, no cotidiano, são os enfermeiros os atores sociais dedicados aos cuidados concernentes ao processo do morrer. A ideia é que, quanto maior o número de pesquisas sobre o tema, maior a possibilidade de expansão das reflexões acerca da morte, na formação e na prática em instituições de saúde.

Por fim, o último texto da seção artigos livres, *Diálogo visual sobre as implicações do trabalho com a morte o corpo sem vida*, com autoria de profissionais com distintas formações na área da saúde – vinculados à Universidade Federal de Campina Grande, à Universidade Federal do Rio Grande do Norte e à Universidade Federal da Paraíba – utiliza a arte com o objetivo de promover reflexões sobre as implicações decorrentes do trabalho com a morte. Com base no referencial teórico de Paulo Freire, **Amanda Anavlis Costa**, **Elda Coelho de Azevedo Bussinguer**, **Hiata Anderson Silva do Nascimento**, **Samantha Moreira Felonta**, **Roseana Vargas Rohr** e **Luzimar dos Santos Luciano** (*in memoriam*) evidenciam tabus, estigmas e desqualificação social associada à manipulação do cadáver.

Este número da *Revista M.* é concluído pelo artigo da seção EM CAMPO, *Morte e morrer em oncologia: relato de experiência a partir da extensão universitária*, produzido pela equipe de trabalho coordenada pelo enfermeiro **Gunnar Glauco de Cunto Carelli Taets**, e composta pela graduanda em Enfermagem **Rafaela de Almeida Rosa**, pela graduanda em Medicina **Nathália Borges Melo de Brito** e pelo graduando em Enfermagem **Christian Marx Carelli Taets**. Trata-se de um relato de experiência, a partir da descrição de alunos de Medicina, Farmácia, Nutrição, Biologia e Enfermagem, do Instituto de Enfermagem do Centro Multidisciplinar da Universidade Federal do Rio de Janeiro, campus Macaé, que participaram do I Curso de extensão em Oncologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, campus Macaé. Os discentes referiram, após o término do curso, quais os significados da morte e do morrer do paciente, após uma dinâmica na qual era utilizada música para facilitar as reflexões sobre o tema. A partir da análise das respostas dos participantes, o texto evidencia a relevância da abordagem do tema em cursos e treinamentos na extensão universitária, uma vez que a morte e o morrer são vivenciados, com frequência, na prática de distintas categorias profissionais que atuam na área da saúde. Os cuidados no final da vida e o término da vida são questões pouco abordadas e discutidas nos cursos de graduação da área da saúde. Segundo os autores, tal carência acarreta uma formação de profissionais com pouco ou nenhum preparo para lidar, na prática, com o processo do morrer.

Este número da *Revista M.* conta com diferentes perspectivas de abordagem em torno dos dois temas centrais do dossiê: a morte e a etnografia, além de contar com importantes reflexões em torno da ética na pesquisa sobre o tema da morte e do morrer. Apesar dos artigos publicados na seção artigos livres não necessariamente possuírem vínculo com a temática da etnografia, suas abordagens são perpassadas por questões éticas – ainda que não expressas explicitamente. Nesse sentido, é possível entender a desqualificação, durante a formação profissional na área da Saúde, em torno da escolha por cursos voltados à reflexão em torno do processo do morrer, acerca dos sentimentos presentes em todos os atores sociais envolvidos no acompanhamento do último período de vida e no processo do luto.

Em 2022, no início do terceiro ano de vigência de um cenário mundial pandêmico, com um histórico de expressivo aumento do número de mortes em diversos países e, em especial no Brasil, não é possível aceitar a exclusão e rejeição de abordagens sobre a morte. A *Revista M.* afirma a relevância de empreender pesquisas sobre o tema e está disponível aos que buscam aprofundar suas reflexões em torno do término da vida e do processo do morrer.